



10º SIEPEX Salão Integrado de Ensino,
Pesquisa e Extensão da Uergs

20
anos



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

NEOEXTRATIVISMO DA SOJA NO PAMPA GAÚCHO: REPERCUSSÕES E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES

Eduarda Garcia FERREIRA¹; Mauricio Bruno Ceroni ACOSTA²; Márcio Zamboni NESKE³

¹ Bacharel em Gestão Ambiental; Especialista em Desenvolvimento Territorial e Agroecologia; Mestranda em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS; ² Doutor em Geografia; Professor Adjunto na Universidad de la República Uruguay, Rivera, Uruguay; ³ Professor orientador; Doutor em Desenvolvimento Rural; Professor Adjunto na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade em Santana do Livramento. Unidade em Santana do Livramento, UERGS.

E-mail: garciaferreiraduda@gmail.com, ceroni.mauricio@gmail.com, marcio-neske@uergs.edu.br.

Resumo

Especialmente na última década, o avanço vertiginoso do cultivo da soja no Pampa é uma das faces da expansão da fronteira agrícola sob o regime neoextrativista na América Latina. O estudo objetiva investigar como se conformam as repercussões do neoextrativismo da soja no Pampa brasileiro enquanto território corpo-terra e as lutas territoriais protagonizadas pelas mulheres. O estudo é de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, usufruindo de pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e documentários. Como resultados, levantou-se que as repercussões da expansão da soja são ambientais, sociais, culturais e econômicas, ocorrendo a inter-relação entre as problemáticas que incidem sobre o território-terra e território-corpo das mulheres. As resistências se expressam como uma resposta às questões que atravessam as mulheres cotidianamente. Resistências coletivas e diretas contra a soja não são difundidas. A organização de frentes de resistência populares é urgente e indispensável para que a emancipação dos territórios pampeanos e das mulheres ocorra.

INTRODUÇÃO

Como parte das consequências da dinâmica neoliberal latino-americana, as mulheres dos setores populares, as indígenas, mestiças, negras e camponesas foram o setor da população que levou sobre o seu corpo a maior carga de trabalho doméstico e produtivo, como também, tiveram suas demandas e identidades fragmentadas (BARRAGÁN et al., 2016). Todavia, o final do ciclo dos governos progressistas e o início de uma nova época aparece marcado pelas lutas das mulheres, em diferentes níveis, visíveis – ainda que não exclusivamente – nas resistências contra o neoextrativismo (SVAMPA, 2019). Nesse contexto, situa-se o feminismo comunitário, oriundo sobretudo do Equador e da Bolívia. As organizações feministas comunitárias apresentam suas ações e sua existência como parte das resistências, das mobilizações, dos levantes e das construções populares, indígenas, camponesas e operárias latino-americanas (BARRAGÁN et al., 2016). Tendo em vista os horizontes do feminismo comunitário, surgem reivindicações em torno da defesa do território corpo-terra, ou seja, a luta pelo fim das violências cometidas sobre os corpos encontra-se interligada ao enfrentamento das violências cometidas contra a natureza. Abarcar a dimensão do território corpo-terra é, também, reivindicar o fim deste devastador modelo econômico que historicamente circunscreve sobre a terra e sobre os corpos das mulheres. Como bem afirma Lorena Cabnal (2018, p.27): “Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. Eu não posso ser feminista se falo da defesa do meu corpo, da sexualidade, mas não defendo a terra. Afinal, onde vão viver os corpos emancipados?”.

Dessa maneira, esse artigo analisa as repercussões ocasionadas pelo neoextrativismo da soja no Bioma Pampa mediante o horizonte do território corpo-terra, além de, como se configuram os processos de resistências engendrados pelas mulheres contra a soja. Ou seja, o objetivo principal é



10º Siepex Salão Integrado de Ensino,
Pesquisa e Extensão da Uergs

20
anos



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

investigar como se conformam as repercussões do neoextrativismo da soja e as lutas territoriais protagonizadas pelas mulheres no Bioma Pampa brasileiro.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi descritiva e exploratória, baseada em uma abordagem qualitativa. Concernente aos procedimentos, foi realizada pesquisa bibliográfica, bem como, a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e análise dos documentários: “Pampa, memórias e saberes do nosso lugar”, produzido pela Fundação Luterana de Diaconia em 2018 e “Grupo de Mulheres Vera Lúcia”, produzido pela TV Educação do Campo em 2020. Devido à pandemia de COVID-19 as entrevistas foram realizadas através de plataformas digitais, durante o segundo semestre de 2020. Foram entrevistadas sete mulheres – Leci, Sandra, Irene, Rosi, Carmem, Iasmin e Marli – que possuem experiência com a temática pesquisada e vivem em territórios do Pampa, especificamente, nos municípios de Santana de Livramento/RS, Rosário do Sul/RS e Canguçu/RS. Visando organizar e fazer o tratamento dos dados, após a transcrição dos áudios das entrevistas e trechos dos documentários, foi utilizado o *software* NVivo Plus, para a análise de dados qualitativos. As codificações das entrevistas e documentários, realizadas no NVivo Plus, possibilitaram emergir as categorias do campo, a partir das vozes das mulheres. Ao mesmo tempo, também se fazem presente na análise as categorias teóricas (i) neoextrativismo e (ii) território corpo-terra, as quais se interrelacionam com as categorias do campo, formando, assim, um mosaico teórico-analítico da pesquisa. Desta forma, as principais categorias de campo são: (i) instalação de complexos agroindustriais; (ii) incentivos para o plantio da soja; (iii) mudança agrária por via do arrendamento da terra; (iv) protestações pelo acesso a direitos básicos; (v) divergências entre o posicionamento de mulheres e homens contra o plantio da soja ou o arrendamento para o mesmo fim; (vi) o uso excessivo de agrotóxicos e a impossibilidade e/ou a dificuldade no cultivo de alimentos agroecológicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levantou-se que o agronegócio da soja infere diretamente sobre os territórios onde as mulheres vivem e é responsável por uma série de repercussões, sejam sociais, econômicas, culturais ou ambientais. A estruturação das forças do agronegócio nos territórios, na maioria dos casos, se dá por meio da instalação de complexos agroindustriais geralmente pertencentes a empresas de capital transnacional. Soma-se também o incentivo explícito e/ou implícito do Estado, seja através do financiamento do desenvolvimento de pesquisas científicas, tecnológicas e de inovação em organizações públicas e privadas. Ao mesmo tempo, o Estado tem sido um agente importante de estímulo e indução ao plantio de soja através das políticas de crédito rural, sendo possível constatar na região que grande parte dos produtores rurais utilizam esses recursos para a realização de investimentos e para o custeio de suas atividades. Outra situação recorrente, tem sido a de mudança agrária por via do arrendamento da terra. Esta prática leva a uma substituição de atividades em diversos contextos, seja em assentamentos da reforma agrária, na agricultura familiar ou então na pecuária familiar, onde a soja passa a representar a principal fonte de renda dos(as) arrendatários(as). Além disso, ressoa entre as mulheres protestações pelo acesso a direitos básicos. Nesse sentido, o exposto por Marli: “A nossa briga é pela sobrevivência”, ou seja, torna-se nítido que em cenários de neoextrativismo da soja duas situações antagônicas são expostas, por um lado, a luta pela sobrevivência em um ambiente rural marcado pelo monocultivo, no outro extremo, a defesa dos inúmeros privilégios sociais e políticos destinados a uma minoria que levantou as bases de seus monopólios a partir da superexploração da natureza não humana e de grupos sociais historicamente marginalizados. Diante do questionamento de possíveis divergências entre o posicionamento de mulheres e homens contra o plantio da soja ou o arrendamento da terra para o mesmo fim, foi exposta a existência de conflitos. Segundo algumas entrevistadas, os homens estão mais propensos a aderir ao plantio da soja pois teriam maiores



10º Siepex Salão Integrado de Ensino,
Pesquisa e Extensão da Uergs

20
anos



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

preocupações em obter lucro sobre a terra. Em contraponto, distanciando-se de possíveis essencialismos de gênero, segundo Carmen: "Há diferença entre homens e mulheres dependendo da formação (política) que cada um teve. Não pelo gênero". Independente das divergências entre os motivos que levam as mulheres a serem mais resistentes à soja, as perspectivas das entrevistadas revelam que esses conflitos são permeados pela desigualdade de gênero no interior das famílias. Nessa conjuntura, a despossessão da terra pode ser compreendida como fator limitante para que as mulheres possam enfrentar efetivamente a soja. Quanto aos impactos sobre o território-terra, todas as entrevistadas apontaram para o excessivo uso de agrotóxicos como o maior problema. As implicações nefastas do uso de agrotóxicos na sojicultura recaem sobre o território corpo-terra, ou seja, o solo, a água e o ar são contaminados, consequentemente as pessoas que ingerem os alimentos do solo, que bebem a água e respiram o ar estão expostas à contaminação. Não há dissociação entre a qualidade ambiental – território terra – e a saúde e bem-estar das mulheres – território corpo. A impossibilidade e/ou a dificuldade para cultivar alimentos agroecológicos em territórios onde a soja está presente é outra importante repercussão ocasionada nos territórios. Portanto, para além de levar ao envenenamento dos territórios corpo-terra, o neoextrativismo da soja rompe a autonomia dos povos ao impossibilitar o cultivo de alimentos agroecológicos.

Ao abordarmos o tema das resistências no panorama do território corpo-terra, compreendeu-se que os processos de engajamento e luta se expressam nos modos de vida dessas mulheres, ou seja, como uma resposta às questões que as atravessam cotidianamente. Para as entrevistadas, a permanência na terra em contextos de subalternização do modo de vida camponês, a atividade de fazer feira, apesar dos longos trajetos em estradas precárias para chegar até a cidade, as políticas públicas irrisórias que verdadeiramente contemplam a agricultura familiar e camponesa, o plantio agroecológico em territórios onde a soja está consolidada, as violências de gênero, racismo, estigmatização de movimentos sociais e as duplas, ou até triplas, jornadas de trabalho que sobrecarregam as mulheres rurais, são atos de resistência e luta inerentes aos seus cotidianos. A proposição de Porto-Gonçalves (2006, p.16) leva uma reflexão extremamente relevante, onde, de acordo com o autor "mais do que resistência, que significa reagir a uma ação anterior [...] temos r-existência, uma forma de existir, uma determinada matriz de racionalidade que age nas circunstâncias, inclusive reage, a partir de [...] um lugar próprio. Se tratando especificamente de lutas incisivas contra a soja, constatou-se que esses processos não são difundidos no Pampa, contudo, salvaguardam-se casos em que localmente o enfrentamento à soja foi direto. A exemplo disso, o caso do Assentamento Paraíso, no município de Rosário do Sul/RS, onde após aviões pulverizarem agrotóxicos ilegalmente sobre o assentamento, foram realizadas denúncias aos órgãos competentes, levando ao fim da prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que processos efetivos de resistência contra a soja, formas de organização social e política coletivas são incipientes e difusas, salvaguardam-se poucas circunstâncias em que localmente o enfrentamento se dá efetivamente. Diante da equação de mais extrativismo e menos democracia, no sentido da discussão levantada por Svampa (2019), promovida pelo cenário político atual no Brasil, as pressões neoextrativistas são intensificadas. Sendo assim, a organização efetiva de frentes de resistência nos territórios do Pampa é urgente e indispensável, assim como, pesquisar, esclarecer, discutir e difundir informações sobre os múltiplos impactos negativos inerentes ao cultivo da soja, desta forma, aponta-se para a necessidade de transpor as barreiras acadêmicas e alcançar a sociedade como um todo. Ao termos usufruído da categoria analítica território corpo-terra, voltamos a atenção para as repercussões do neoextrativismo da soja sobre o território-corpo das mulheres e sobre o território-terra do Pampa, compreendendo que os desencadeamentos estão interligados e que se torna essencial lutarmos contra o fim das violências contra as mulheres e contra a terra, bem como,



10º Siepex Salão Integrado de Ensino,
Pesquisa e Extensão da Uergs

20
anos



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

defendermos a emancipação das mulheres e dos territórios, focalizando suas potencialidades enquanto agentes de transformação e articuladoras de resistências, posto que, vivenciar um mundo estruturalmente capitalista, colonial e patriarcal, desde a condição de mulher, camponesa e militante é engendrar resistências. Por fim, reforçamos que a construção de alternativas concretas perpassa necessariamente pela ação comunitária e pelo entendimento de que os problemas são sistêmicos, mas que através da solidariedade, coletividade, politização, engajamento e comprometimento com as lutas levantadas, é possível caminhar rumo a outro horizonte.

REFERENCIAS

- ACOSTA**, Alberto. Extrativismo e neoextrativismo: duas faces da mesma maldição. In: DILGER, Gerhard.; LANG, Miriam.; PEREIRA FILHO, Jorge. (org.). **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Autonomia Literária e Elefante, 2016. p.46-85.
- BARRAGÁN**, Margarita Aguinaga.; LANG, Mirian.; CHAVÉZ, Dunia Mokrani.; SANTILLANA, Alejandra. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard.; LANG, Miriam.; FILHO, Jorge PEREIRA. (org.). **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-neoextrativismo e alternativas ao desenvolvimento. 1.ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. p.88-120.
- CABNAL**, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. In: MOURA, Iara; PRAÇA, Marina. (org.). **Outras economias**: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Instituto PACS, 2018. p. 23-28.
- GUDYNAS**, Eduardo. **Direitos da natureza**: ética biocêntrica e políticas ambientais. São Paulo: Elefante, 2019.
- MAPBIOMAS**. **Pampa Sul-americano perdeu 16,3% de vegetação nativa em 20 anos, mostra mapeamento inédito, abrangendo Brasil, Argentina e Uruguai**. 2021. Disponível em: <https://mapbiomas.org/pampa-sul-americano-perdeu-163-de-vegetacao-nativa-em-20-anos-mostra-mapeamento-inedito-abrangendo-brasil-argentina-e-uruguai>. Acesso em: 10 mai.2021.
- SVAMPA**, Maristella. **Las fronteras del neoextractivismo en américa latina**: conflictos socioambientales, giro ecoterritorial y nuevas dependencias. 1. ed. Buenos Aires: Calas, 2019.